

SOBRE UMA LÂMPADA TRADICIONAL DA ILHA DO PICO (AÇORES)

por
RUI DE SOUSA MARTINS

0. PRÓLOGO

Em anterior trabalho¹ fizemos uma primeira abordagem das candeias de azeite utilizadas, até data recente, na iluminação das casas da ilha do Pico, feitas em ferro forjado, por ferreiros especializados, e suspensas no local que carecia de luz.

No decurso de pesquisas de campo, efectuadas em 1980, na freguesia das Ribeiras (Lajes), deparou-se-nos uma lâmpada de pousar, feita em metal amarelo pela técnica de fundição². Esta candeia, pertencente a Lassaete Câmara da Silveira Soares (Caminho de Cima - Ribeiras), que a recebeu da avó materna, Luísa da Conceição Câmara Neves (1892-...) (Canto - Ribeiras), fugia completamente aos modelos usuais nos Açores e, por isso, lhe dedicamos um estudo à parte.

¹ Rui de Sousa Martins, *Contribuição para o estudo da luminária popular açoriana (Pico, S. Jorge, Faial e Terceira)*, separata de *Arquipélago* (Série Ciências Humanas), vol. VI, Ponta Delgada, 1984.

² Caderno de Campo n.º 1, 1980.

Graças à gentileza e ao espírito de colaboração da proprietária e do marido, Roberto Madruga Soares, dispusemos de especiais facilidades que permitiram a concretização deste trabalho. Salientamos ainda a excelente colaboração do artista plástico Joaquim Franco assim como dos fotógrafos Abílio Barata e Mário Soares. Para todos uma palavra de gratidão e amizade.

1. A CANDEIA

1.1. Análise morfológica

Lâmpada de azeite, com dois depósitos de metal amarelo, sendo o superior fechado, fixados num pé constituído por uma base de madeira e uma haste de latão. O depósito superior, fechado por uma tampa móvel, é formado por um recipiente em latão fundido, subovóide, com a parte posterior plana, bordos baixos, direitos e divergentes. O bordo anterior direito tem um recorte côncavo. O fundo exterior possui um pequeno suporte troncónico com furo roscado. O bico é estreitado e curto, com ligação curva aos bordos. No bordo posterior interno existe um pequeno gonzo de cobre, fixo obliquamente por dois rebites de latão. A tampa de perfil subcordiforme, com a extremidade recortada em semicírculo, tem uma pega triangular com a ponta revirada para a frente e, no bordo direito, uma pequena espiga de latão que serve de travamento.

O depósito inferior, em latão martelado, reduz-se a um recipiente côncavo, de perfil ovalado, com um orifício de fixação na parte posterior plana.

A haste do pé, de latão fundido e torneado em balaústre, tem as extremidades roscadas. A base, torneada em madeira de castanho, apresenta a face inferior côncava e a superior ornamentada com molduras curvilíneas, alternadamente convexas e côncavas (Figs. 1, 2, 3, 4; Fotos 1, 2, 3).

Estado de conservação

A base de madeira apresenta-se fortemente carcomida e toda a peça foi pintada de negro pelos actuais proprietários. Procedemos à remoção da tinta, unicamente nas partes metálicas, a fim de não afectar a base de madeira. Sob a camada de tinta, os depósitos conservam ainda manchas de gordura resultantes da utilização da peça.

Dimensões: alt. total, 190 mm.
 depósito superior: comp., 104 mm; larg., 78 mm;
 alt. sem tampa, 41 mm; alt. com tampa, 67 mm;
 alt. do suporte, 10 mm.
 depósito inferior: comp., 71 mm; larg., 59 mm;
 alt., 12 mm; diâmetro do orifício, 9 mm.
 pé: alt. total, 120 mm; haste de latão: comp.,
 117 mm; diâmetro, 16 mm; base de madeira:
 diâmetro, 114 mm; alt., 27 mm.

1.2. Análise técnica

Esta lâmpada é constituída por 8 peças unidas de diversas formas. A base de madeira foi feita num torno de marcha movido por pedal. A haste do pé e o recipiente superior foram fundidos em moldes abertos em caixas de areia, a partir de modelos rígidos, provavelmente feitos em madeira. Em ambas as peças são visíveis numerosos vazios de fundição e no fundo do depósito ficaram ainda rebarbas. A haste, desbastada e acabada no torno de marcha, conserva uma costura longitudinal, deixada pelas juntas dos moldes. As rebarbas exteriores do depósito foram removidas com uma *lima bastarda* que deixou riscos muitos fundos, não tendo havido a preocupação de fazer um acabamento mais fino. O depósito inferior, de latão, e o gonzo de cobre foram fabricados por forjamento. A tampa e a respectiva pega foram recortados na chapa, limando-se depois as arestas.

Para unir as peças, o artífice usou sistemas diferentes: enroscamento (recipientes-haste-base), dobramento de pontas (pega-tampa), rebitagem com rebites de latão (gonzo-depósito superior), cravamento (travão-tampa) e gonzo (tampa-depósito). Saliente-se o cuidado que houve em frezar, na face exterior do depósito, as entradas dos furos onde se cravaram os rebites de latão. Estas entradas foram depois tapadas com solda de cobre.

A feitura desta lâmpada mostra que o artífice, além de habilidade manual e espírito criativo, possuía conhecimentos técnicos variados e equipamento adequado que lhe permitia não só trabalhar a madeira como também fundir, torner, forjar, abrir roscas e furar os metais. Podemos, por conseguinte, considerar esta lâmpada do Pico como exemplo do processo de introdução e divulgação do trabalho do cobre, do latão e até do alumínio na sociedade campesina das ilhas, onde o metal útil era o ferro.

2. O PROCESSO CRIATIVO

Ao contrário das candeias de ferro usuais na sociedade tradicional do Pico, a lâmpada que temos vindo a estudar não tem qualquer dispositivo de suspensão, mas foi dotada de um pé com base de apoio e, por isso, a incluímos na categoria das lâmpadas de pousar (*candeeiros*), de que se conhecem inúmeras variantes. Concebendo uma *candeia* de apoiar, o artista dotou-a de uma base muito larga, relativamente à altura, garantindo-lhe deste modo o máximo de estabilidade, o que responde a uma preocupação de segurança no uso quotidiano.

Na execução desta lâmpada rompe-se inovadoramente com as técnicas e os modelos tradicionais. Como teria surgido este novo tipo de luminária? Admitimos que a imagem mental que precedeu a feitura de tal lâmpada tenha sido inspirada na observação de algum exemplar dos

característicos candeeiros de azeite de latão feitos no continente, e que chegaram a ser usados nalgumas casas do Pico e das ilhas vizinhas. O pé torneado e a base larga podem ter sido sugeridos pelas partes homólogas dos candeeiros continentais ou até mesmo pelos castiçais de latão fundido e torneado, muito vulgares nos Açores. Porém, o corte com a tradição não foi radical. O depósito superior é morfologicamente idêntico ao das candeias de ferro forjado e mesmo a pega triangular da tampa é idêntica à das lâmpadas tradicionais, só variando o sistema de união. Quanto ao depósito inferior parece ter sido criado originalmente pelo próprio artista e neste particular, a solução encontrada traduz uma maior economia de metal e de meios técnicos. Em suma, esta lâmpada do Pico é uma síntese de réplica dos modelos tradicionais e de inovação, devendo-se esta, segundo pensamos, por um lado à influência dos candeeiros de azeite importados, que teriam estimulado a imaginação do artista, e, por outro, ao seu espírito criativo que encontrou soluções inéditas para a estrutura da peça. De salientar o recorte côncavo no bordo do depósito funcionalmente ligado ao uso da lâmpada, e o aprimoramento da extremidade da tampa, recortada em semicírculo, características que desconhecíamos nas candeias do Pico.

3. AUTOR E LOCAL DE FABRICO

Quem teria sido o engenhoso artífice desta lâmpada? A idade avançada da Senhora Luísa da Conceição não lhe permitiu esclarecer este problema. Procurámos então na freguesia das Ribeiras notícias de alguém que tivesse fundido candeias. E não foi difícil de encontrar no Canto, lugar onde vive Luísa da Conceição, um artífice marceneiro e fundidor, Augusto da Silveira Goulart (1912-...), que nos informou ter fundido muitas candeias de azeite

em alumínio assim como inúmeros objectos de latão, muito embora não fizesse candeias pois, segundo nos afirmou ficariam muito pesadas quando feitas nesta liga. Este mestre iniciou-se nas artes de marceneiro e fundidor com o pai, Augusto da Silveira Goulart (1878-1966?) que, por sua vez, as aprendeu no Faial. A vida destes homens era a marcenaria e consideravam a fundição de metais, assim como a feitura de instrumentos de corda, a que também se dedicavam, como artes subsidiárias. A oficina (*tenda*), onde trabalhavam, ficava no Terreiro (Caminho de Cima - Ribeiras).

No decurso da entrevista com Augusto Goulart, soube-mos que a mãe, Maria da Encarnação Goulart, era prima de Luísa da Conceição. Portanto a utilizadora da *candeia* era parente do velho mestre marceneiro e fundidor. Com base nestes escassos mas significativos elementos, defendemos a hipótese de ter sido Augusto Goulart Pai o autor da lâmpada em estudo, talvez peça única, feita para alguém da sua própria família. É natural que o prosseguimento das pesquisas efectuadas pelo Centro de Estudos Etnológicos da Universidade dos Açores na ilha do Pico, venha a lançar nova luz sobre estas questões.

4. O USO DA LÂMPADA

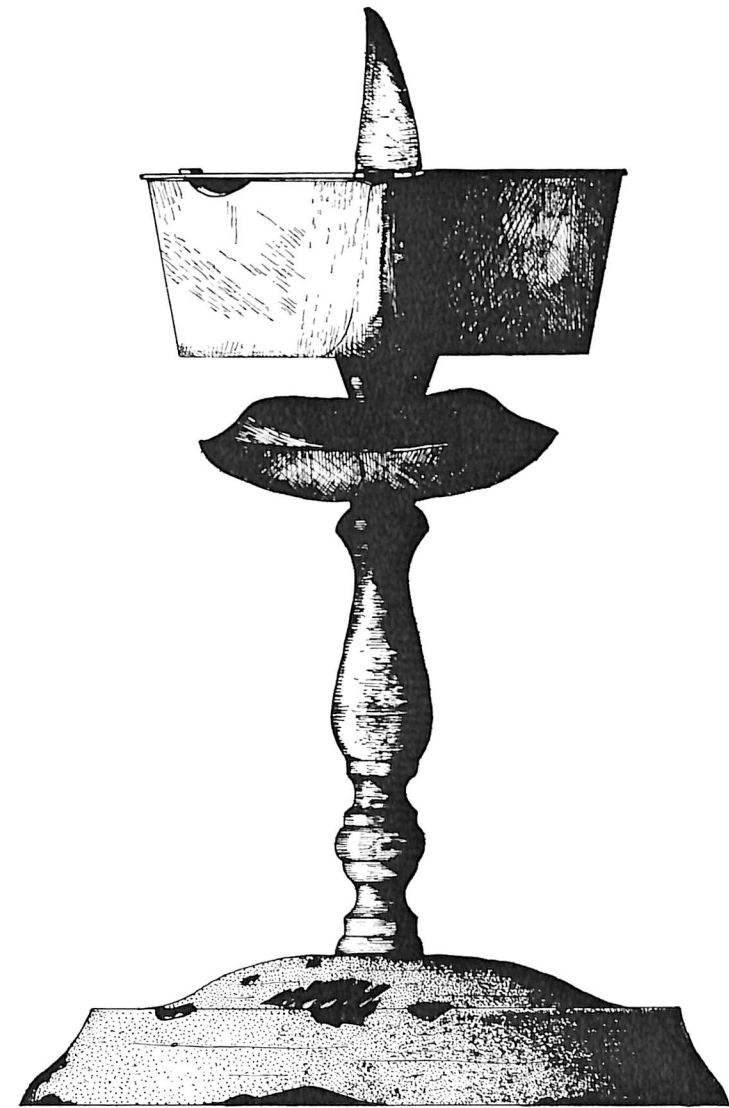
Esta candeia funcionava com *azeite de baleia* e estava normalmente na cozinha, onde se passava a maior parte da vida doméstica.

Como não podia ser suspensa, pousavam-na num suporte especializado em madeira, o *mancebo*, constituído neste caso, por uma base e uma haste dotada de apoio móvel (?) para o candeeiro³. Ora, os *mancebos* para lâm-

³ Já conhecíamos este tipo de mancebo mas, neste caso, a sua utilização não é segura pois as várias informações recolhidas são contraditórias e pouco claras.

padas de suspender tinham apenas uma haste com furos distanciados, onde se espetava o gancho da candeia. Concluimos, portanto, que o aparecimento de candeeiros de folha-de-flandres ou de latão, como é o caso, levou à transformação do *mancebo* que passou a dispor de um apoio para as novas lâmpadas.

Saliente-se ainda que o recorte côncavo no bordo do depósito serviria, segundo pensamos, para limpar o espetador da torcida.



0 1 2
CM

Fig. 1 — Candeeiro de latão e madeira (Ribeiras - Pico).

des. de Joaquim Franco

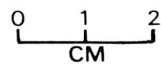


Fig. 2 — Candeeiro de latão e madeira (Ribeiras).

des. de Joaquim Franco

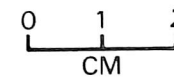
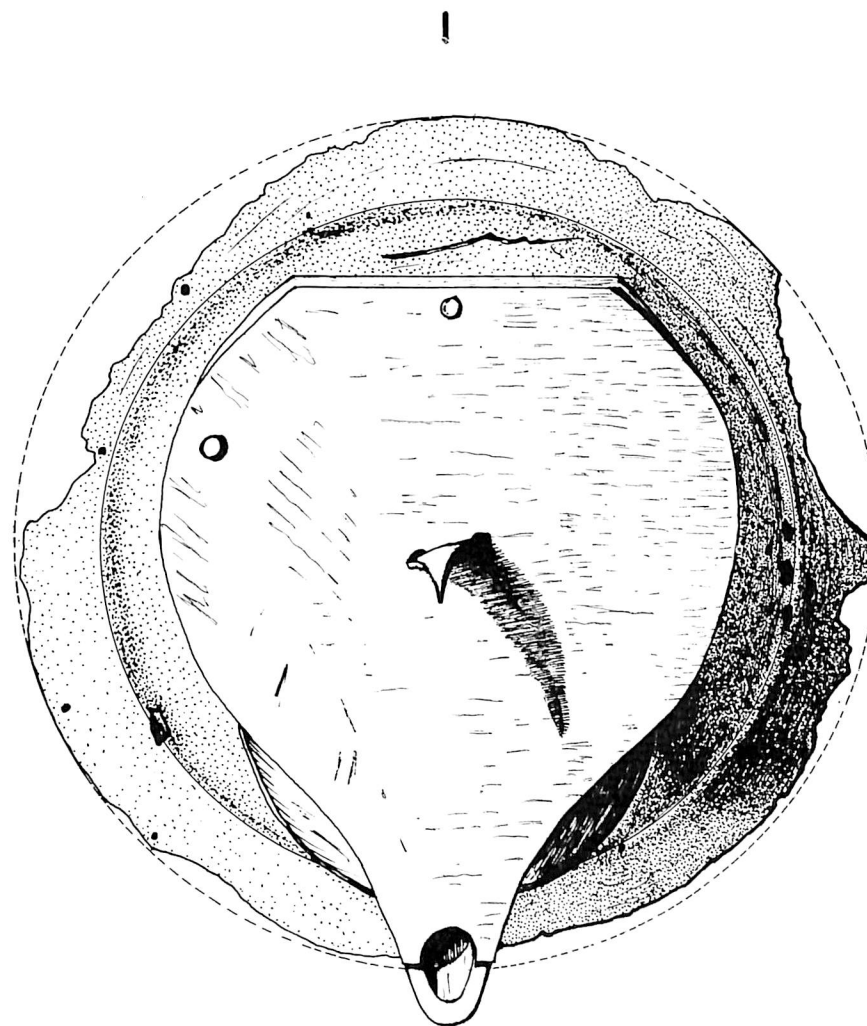


Fig. 3 — Candeeiro de latão e madeira (Ribeiras).

des. de Joaquim Franco

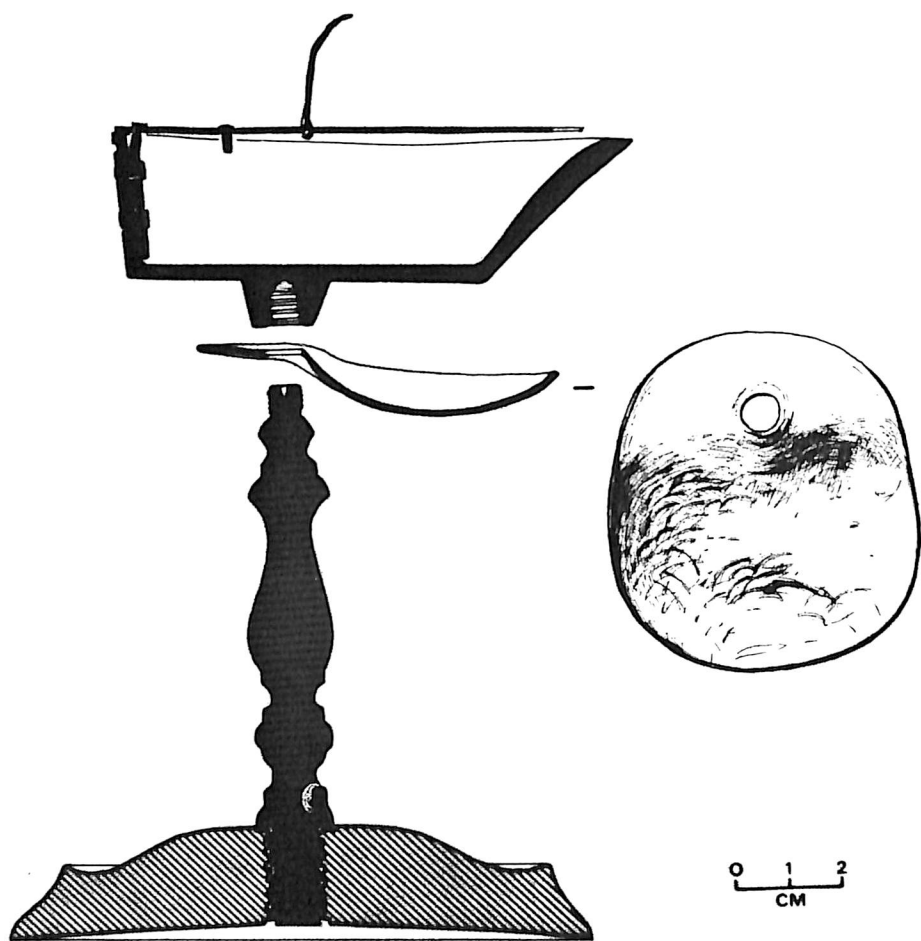


Fig. 4 — Candeiro das Ribeiras (Pico).

des. de Joaquim Franco

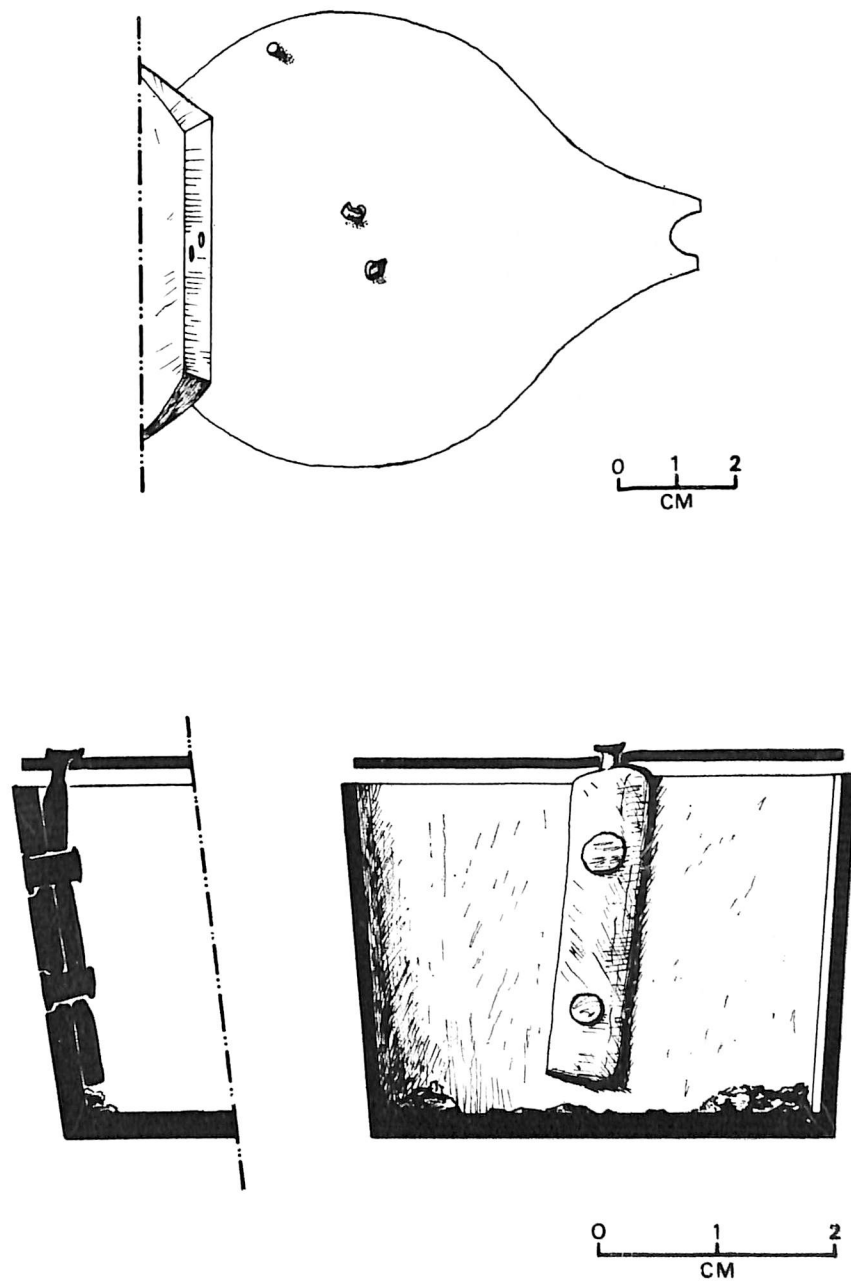


Fig. 5 — Tampa e aspectos do depósito superior do candeiro (Ribeiras).

des. de Joaquim Franco



Foto 1 — Candeeiro de latão e madeira (Ribeiras - Pico).

Foto Barata e Soares



Foto 2 — Candeeiro do Pico (Ribeiras).

Foto Barata e Soares



Foto 3 — Candeeiro do Pico (Ribeiras).

Foto Barata e Soares